

Miséria nas invasões impressiona Fundação

As más condições de moradia, higiene e completa falta de infraestrutura foi o que o diretor executivo da Fundação de Serviços Sociais (FSS), Gustavo Ribeiro, constatou, ontem, em sua visita a seis invasões na periferia do Plano Piloto. «Nós esperamos que o senhor dê uma força pra gente». Esta foi a frase que ele mais ouviu dos posseiros urbanos. Entretanto, deixou claro que seu objetivo não é criar expectativas, mas apenas, diagnosticar os problemas e levá-los ao chefe do Gabinete Civil, Guy de Almeida, a pedido do governador, que analisará a questão do futuro assentamento das famílias.

A visita iniciou pelo Setor de Indústria e Abastecimento, acompanhada por uma comissão de invasores formada pelos representantes dos comerciantes, Fragmar Diniz, e da Associação de Posseiros Urbanos, Levino Pereira. Durante a visita, ficou constatado que todos os invasores já receberam notificação da Secretaria de Viação e Obras, para a desocupação da área, e que, no entanto, todos permanecem no local. Gustavo Ribeiro se negou a adiantar qualquer informação sobre o destino dos sem teto.

No Sia, por exemplo, já existem cerca de três mil invasores, entre os que utilizam área ilegal para fins comerciais ou para moradia. O comerciante Manoel Rodrigues de Queiroz, de 64 anos, há dois anos mantém um pequeno comércio de lanches rápidos e de bebidas no Trecho 2. É, com uma notificação vencida dia três de novembro, ele pediu a Gustavo Ribeiro para «ter dó» dele. «Eu já tentei vários empregos e não consigo por causa da idade», argumentou o comerciante, que mora em Pedregal e tem sua barraca como o único meio de sobrevivência.

Agepol ameaça

Gustavo Ribeiro passou pela invasão Frederico Ozanã, próxima da Cobal, no Sia, onde registrou as péssimas condições de vida de cerca de 85 famílias. Na entrada do Cruzeiro Novo, o diretor da FSS

parou para ouvir os apelos dos comerciantes de frutas, que disseram estar ameaçados de serem removidos daquela área. Falando sem parar, e ameaçando ferir a facadas quem tentar tirá-la de lá, a comerciante Beatriz Maria da Conceição, 46 anos, mãe de seis filhos, disse que só quer o direito de poder comercializar frutas e sustentar seus filhos, «para não se tornarem marginais».

Na invasão da Agepol, próximo da Terceira Delegacia de Polícia, no Cruzeiro, a situação não é diferente. Cerca de 30 famílias vivem ameaçadas de despejo e de ficarem sem água, conforme declarou a invasora Maria do Socorro Gomes. Segundo ela, um oficial de Justiça, já compareceu ao local por três vezes, ameaçando despejo, e a atual direção da Associação de Agentes de Polícia (Agepol) está falando em cortar o fornecimento de água para os invasores. Para Maria do Socorro, mãe de quatro filhos, morar de aluguel é uma condição já descartada. «Nós não temos condições de pagar moradia», afirmou ela.

As 100 famílias que moram na invasão da Rodoferroviária (Setor de Armazenamento Norte) também recebem água das firmas há 17 anos. Uma das moradoras é Maria das Dores Soares, que está instalada no local há 16 anos e disse que já faz 12 anos que se inscreveu na Sociedade de Habitação e Interesse Social, (SHIS). Como não tem mais esperança de conseguir uma casa e, para manter seus dois filhos, montou um boteco no seu pequeno barraco de madeira.

Na Octogonal ainda resistem os 27 moradores que acamparam na área durante a construção do conjunto habitacional. Maria Aparecida de Jesus Souza chegou ao local e logo montou uma cantina, para vender lanche aos operários. Hoje, ela já cultiva algumas plantações em volta de sua casa, tira água de uma ligação clandestina e sustenta sete filhos como lavadeira. Ela recebeu notificação no mês de agosto, e até agora não tem para onde ir.

Aldori Silva



Gustavo Ribeiro visita os favelados do Setor de Indústria